

Infância e juventude de uma intelectual: Harriet Martineau e a sociedade britânica do século XIX¹

Childhood and youth of an intellectual: Harriet Martineau and 19th century British society

Fernanda Henrique Cupertino Alcântara 

Doutorado em Sociologia
UFJF-GV, Brasil
fernanda.alcantara@ufjf.br

Resumo

Este artigo discute a infância e a juventude como elementos de análise social a partir de relatos autobiográficos e biográficos sobre Harriet Martineau. Problematiza estes relatos como característicos da modernidade e do avanço do individualismo, ao mesmo tempo em que valoriza tais fontes como um elemento reflexivo e criador de uma narrativa sobre a história do sujeito a respeito do qual se fala, por meio do método da pesquisa bibliográfica e descritiva. Conclui sobre a importância de tais relatos para a compreensão da produção de intelectuais, das referências contingenciais relativas ao período e às circunstâncias nas quais viveram.

Palavras-chave: Harriet Martineau; Biografia; Autobiografia; História da Sociologia.

Abstract

This article discusses childhood and youth as elements of social analysis based on autobiographical and biographical accounts of Harriet Martineau. It problematizes these accounts as characteristic of modernity and the advance of individualism, while at the same time valuing such sources as a reflective element and as a creator of a narrative about the history of the subject being discussed, through the method of bibliographic and descriptive research. It concludes on the importance of such

¹Este artigo é parte da Tese “A sociologia de Harriet Martineau e a tradução de sua obra para a língua portuguesa no Brasil”, requisito para a promoção à Docente Titular da UFJF, Campus de Governador Valadares, em junho de 2024. Agradeço às(aos) pareceristas pelos comentários que contribuíram para a melhoria da forma e dos argumentos apresentados. Também agradeço ao CNPq pelo apoio por meio da Bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ).



doi: 10.28998/ite.

Artigo licenciado sob a [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 12/05/2025

Aceito em: 03/09/2025

Publicado: 20/10/2025

e-Location: 19651

accounts for understanding the production of intellectuals, as well as the contingent references related to the period and the circumstances in which they lived.

Keywords: *Harriet Martineau; Biography; Autobiography; History of Sociology.*

Introdução

Este trabalho aborda a trajetória da autora Harriet Martineau (1802-1876) em seus primeiros anos de vida e destaca elementos relevantes da sua biografia, considerando os relatos da autora e de terceiros. O objetivo geral deste artigo é apresentar o caso Martineau como ilustrativo de um percurso intelectual de uma mulher que escreveu e refletiu sobre a sua infância e a sua juventude. Como desdobramentos diretos, os relatos da autora trazem subsídios para uma análise institucional e contingencial do período histórico no qual viveu, considerando o tratamento social recebido por filhas(os) e por crianças de um modo geral. Não bastasse isso, ela também chamou a atenção para como a sociedade e os indivíduos se posicionavam em relação a crianças com algum tipo de deficiência e de adoecimentos. Por essa razão, a proposta deste artigo é abordar essas questões e ressaltar três pontos em particular: 1) informações biográficas ajudam a compreender percursos intelectuais e sua relação com a obra produzida nestes processos; 2) os dados disponíveis nestas obras contribuem para compreender o contexto sócio-histórico, para além do indivíduo e da trajetória sobre os quais se fala; 3) os temas escolhidos por cada intelectual refletem a sua perspectiva sobre o que é a sociedade.

Quanto à metodologia utilizada, realizei uma pesquisa bibliográfica e descritiva da autobiografia de Harriet Martineau e de duas biografias escolhidas: a de Fenwick Miller (no século XIX) e a de Elisabeth Arbuckle (no século XX). A pesquisa baseia-se em uma análise dos relatos históricos e das reflexões autobiográficas como unidades de análise contidas nos textos adotados como amostra. De igual modo, problematizo tanto a produção autobiográfica quanto biográfica como fonte de pesquisa. A amostra adotada como referência para este estudo foi definida após a realização de uma pesquisa exploratória e de mapeamento que antecedeu a este trabalho. No que tange aos procedimentos

metodológicos adotados para examinar as reflexões e os relatos autobiográficos identificados, foram considerados padrões e temas recorrentes, a partir da análise comparativa.

Convenhamos que não é possível formar uma opinião sobre uma pessoa ou sua obra apenas pelo que esta comunicou a seu respeito ou com base na opinião de terceiros. Por essa razão, é obrigatório que a pesquisa revise dados primários, não se reduzindo a uma pesquisa bibliográfica com base apenas em textos de comentadores(as). Quando isso não acontece, é preciso deixar claro que a manifestação de quem escreve não é quanto a dada obra ou dada(o) intelectual, mas sobre “o quê?” e “como?” alguns(mas) comentadores(as) se referem a esses(as). É nesse sentido que separei o objeto relatos e reflexões autobiográficas, de um lado, e a produção bibliográfica sobre, de outro. Sendo que, em nenhum dos casos podemos considerar os dados como verdades descortinadas ou apresentar os seus resultados para além do que são capazes de indicar.

Biografias, autobiografia e comentadores(as)

Imbuída dessa perspectiva, a primeira questão sobre a qual precisamos nos debruçar é em que consiste uma (auto)biografia e que tipo de informação ela é capaz de nos proporcionar acerca da produção teórica ou científica de uma dada pessoa. Para Bourdieu (2006), a (auto)biografia é apenas uma mera ilusão, constituindo-se em narrativas que consistem em uma tentativa de organizar a vida como uma história, para “dar sentido” a um conjunto de fatos. O autor considerava o sujeito que narra os fatos como um “ideólogo da própria vida”, ao selecionar acontecimentos, atribuir significado e conexões entre eles. Assim, ele apontou para a noção de *habitus* para resolver a situação e não fugir do campo da Sociologia, além de investigar os “[...] mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência ordinária da vida como unidade e totalidade” (Bourdieu, 2006, p. 185). Por outro lado, se a biografia supostamente teria herdado da literatura a necessidade de concatenação lógica de fatos, mesmo esta já não se utiliza desse recurso. Ao reconhecer que a realidade é descontínua, a vida não deveria ser contada como se não fosse. Para ele, a produção do “discurso de si” também estaria

ligada à relação entre o *habitus* e o campo, sendo a história de vida um “tipo de artefato socialmente impecável” (Bourdieu, 2006, p. 189). Em consequência, permaneci atenta à crítica sobre como os ruídos da leitura isolada da (auto)biografia podem ser compreendidos por não considerarem esta como expressão dos tipos de *capital* dos quais dispunha a autora dentro de um *campo* e “o conjunto de relações objetivas” (Bourdieu, 2006, p. 190) nas quais ela se inseria.

Inobstante, parece haver um consenso de que a produção da autobiografia e sua constituição enquanto gênero é um reflexo e uma expressão da modernidade, sendo identificada facilmente em termos históricos e culturais (Calligaris, 1998). Os recursos à autobiografia começaram no final do século XVIII, mas a produção autobiográfica (considerando-se a autobiografia, o diário íntimo, o diário e as memórias) remete a um período anterior. Isso não implica desconsiderar que o modelo autobiográfico esteja associado à modernidade e, com ela, ao desenvolvimento da “cultura individualista ocidental”. Já a biografia surgiu bem antes, sendo esta, a autobiografia e o romance elementos que possuem uma “simultaneidade histórico-cultural” (Calligaris, 1998, pp. 46 e 48). Em razão disso, Burke (1997) questionou o conceito de biografia aplicado a obras do período medieval e do renascimento, indicando uma incompatibilidade entre a nossa perspectiva moderna e os muitos exemplos dessas.

Tomando por base tais definições, precisamos não apenas problematizar o relato de si, mas também a produção do conhecimento e da organização de fatos e de eventos que buscam atribuir sentido a uma dada perspectiva sobre o que foi ou é uma autora e sua obra. Quanto a isso, é necessário distinguir a figura de comentadoras(es), que por vezes se baseiam apenas em uma revisão bibliográfica superficial de obras disponíveis ou mesmo apenas das amplamente divulgadas. Independentemente disso, chegam a realizar afirmações categóricas e generalizações com base em narrativas tradicionais e sem lastro verificável, servindo assim à função de reprodutoras(es) de mitos (Alcântara, 2024a e 2024b).

Dito isso, sobre a trajetória e a condição de Martineau ao longo da vida, temos disponíveis três publicações com essa natureza, que serão consideradas neste artigo. Do final do século XIX, temos a sua autobiografia (publicada em, ao

menos, duas edições) e a biografia escrita por Miller (1887). Essa última será usada apenas como um contraponto, na medida em que toma por base o texto de Martineau. Além disso, incorpora a esse os seus próprios julgamentos acerca de fatos que não presenciou, mas afirmou ter investigado, embora não tenha explicitado e discutido os métodos empregados. Isso consiste em uma grande ironia, já que pretendia revisar a autobiografia de uma metodóloga, defensora da tese segundo a qual todo(a) pesquisador(a) deve explicitar os meios, os motivos e o contexto de modo transparente, para que o(a) leitor(a) entendesse os resultados apresentados e a perspectiva a partir da qual uma dada realidade é observada (Hill, 2022). Implica dizer que, para a autora biografada, tudo era contingencial e relativo, sendo tais pressupostos aplicados na pesquisa e na escrita (Martineau, 2021). Complementarmente, adotei como referência o trabalho contemporâneo de Elisabeth Sanders Arbuckle (1928-2019), que foi estudiosa da obra de Martineau, além de ter sido uma das fundadoras e presidente da *Martineau Society*, na Inglaterra. Os manuscritos foram revisados por Valerie Sanders e Gaby Weiner e publicados pela *Martineau Society*, capítulo por capítulo, no formato *e-book*. Consequentemente, trata-se de um documento, cujo trabalho de revisão se encerrou em 2025, mas não contém referência a data.

Aproveito para ressaltar o quanto é comum a ausência de crítica à postura de Miller (1887), tomando seus relatos como um fato, não como uma interpretação da interpretação autobiográfica. Outro erro diz respeito à confusão existente entre a versão publicada por esta autora e a autobiografia de Martineau. Isso pode ser explicado pelo fato de que uma das edições reimpressas contemporaneamente alterou o nome do título de “Harriet Martineau” para “*Harriet Martineau’s autobiography*” (Alcântara, 2021). Pode parecer desnecessário pontuar isso, mas ocorre que em algumas edições e obras tem-se a referência ao livro de Miller como “autobiografia”, visto que ela literalmente copiou parte do relato de Martineau, mas o colocou na 3ª pessoa do singular. Até onde pude averiguar, a biografia escrita por Miller foi publicada em 1884, em Londres, pela W. H. Allen & Co., e em 1887, em Boston, pela Roberts Brothers (Alcântara, 2024a).

Feitas tais considerações, passarei a me referir a autobiografia apenas quando se tratar da obra originária publicada em 1877 e de suas reimpressões. Essa começou a ser escrita em 1831, sendo retomada em 1841 e, depois, em 1855 (Martineau, 1877a, p. 01). Portanto, foi descontinuada em, ao menos, dois momentos até ser retomada e concluída, em uma versão que ficou guardada até a morte da autora.

Lógico, erros são comuns e constituem a experiência humana. Como diria Martineau, são passíveis de retratação quando veiculados de modo a serem cientificamente contestáveis (Martineau, 2021). Entretanto, no caso da leitura de comentadoras(es) em outros idiomas, há que se ter um cuidado reforçado para não incorrer em plágio. E aqui temos uma grande dificuldade metodológica, pois o texto de Miller (1887) se vale das palavras de Martineau, mas julgando-as. Ela não se restringiu a datas e a inconsistências, mas advogou quanto ao que seria a interpretação “correta” de um fato, negligenciando e julgando as percepções da própria teórica biografada. Inclusive, considerou por referência pessoas com as quais Martineau sequer mantinha contato (desde a maturidade até o final da vida), como é o caso do seu irmão James. Ironicamente, Miller criticou de modo ferrenho a editora da autobiografia, Mary Chapman, por erros quanto a datas e outros, alegando que Martineau não teria se auto descrito bem, cabendo à editora o papel de defender a autora de si mesma. Além disso, criticou as memórias descritas. Dificilmente, as afirmações de Miller são defensáveis quanto a isso. Memórias são socialmente construídas e ressignificadas, não se referindo apenas ao que foi efetivamente visto ou sentido, mas interpretado e até mesmo imaginado à luz de relatos que não são claramente identificados. Em todo caso, uma autobiografia é como a pessoa relata a sua percepção sobre a realidade e muito menos uma discussão sobre a verdade dos fatos (Calligaris, 1998).

Infância, socialização e autoconhecimento

Na autoimagem, Martineau é bastante crítica com relação a seu comportamento, o que ilustra um tipo de personalidade e uma narrativa quanto a sua história de vida. Contudo, em todo o seu relato, mesmo que ela não aceitasse o

“discurso” como fonte principal e sim as “coisas” (Martineau, 2021, p. 86, 87, 124, 149, 191; Alcântara, 2022), é ilustrativa a referência à contingência, às instituições e às oportunidades, de um lado, associadas ao aprimoramento comportamental e à cultura, de outro. Caberia, inclusive, um detalhamento maior, considerando a riqueza de informações presentes em sua autobiografia (Martínez, 2025, p. 08), mas, farei apenas alguns destaques para que o(a) leitor(a) possa compreender e, talvez, se interessar por essa.

Metodologicamente, não é possível ignorar o fato de que o tema “crianças” era um objeto de observação que, para ela, obrigatoriamente fazia parte das instituições necessárias a uma compreensão adequada da sociedade e cuja referência se encontra fartamente documentada nos textos da autora. A esse respeito, Martineau falou sobre os “tipos de criança” e o “caráter da infância” (Martineau, 2021, p. 185-186), deixando claro o quanto isso era produto de uma condição de raça, de classe e do tipo de sociedade na qual são socializadas (Martineau, 2021, p. 130).

Do que são feitas as mentes das crianças? O pequeno índio do oeste não falará de escolher uma profissão, não mais do que o infante português perguntará por livros. Uma nação de crianças contará do último dia dos santos, e outra referirá cada coisa ao imperador. Em qualquer outro lugar você será tratado com lendas sem fim; ou você será instruído sobre barganhas e rendas; ou os garotos perguntarão a você por que um filho do rei deve ser rei, quer as pessoas gostem dele ou não; e as garotas sussurrarão algo para você sobre seus irmãos serem presidente algum dia. À medida que as mentes dos jovens são formadas, generalisticamente falando, como uma adaptação aos objetos apresentados a eles, sua preferência de militar a comercial, ou literário a honra política, é uma eloquente circunstância: e, então, de seu senso de nobreza em qualquer direção – quer seja da ordem física, ou da intelectual, ou da espiritual (Martineau, 2021, p. 130).

Ou, ainda:

As crianças em todos os países são, como a senhora Grant de Laggan diz, primeiro, vegetais, e, então, elas são animais, e, depois, elas vêm a ser pessoas; mas a maneira delas de crescer de um estágio para outro é tão diferente, em diferentes sociedades, quanto seus estágios da mente quando elas estão crescendo. Todas elas têm

membros, sentidos e intelectos; mas seu crescimento de coração e mente depende incalculavelmente do espírito da sociedade no meio da qual elas são criadas. O viajante deve estudá-las onde quer que ele as encontre. Em um país, multidões delas assentam-se sobre as ruas, aquecendo no sol, e matando vermes; enquanto os filhos das pessoas mais pobres de outro país estão decentemente vestidos, e/ou muito ocupadas com tais empregos domésticos ou elas são capazes, ou na escola, ou brincando entre as pedras, ou escalando árvores, ou rastejando sobre pontes de madeira, sem medo ou perigo. Desse sintoma, o observador pode aprender a pobreza e a ociosidade das classes mais baixas da Espanha, e o conforto e indústria daquelas dos Estados Unidos. Quanto às crianças das classes mais ricas, existe a mais ampla diferença no mundo entre aquelas que são os ídolos de suas mães (como em sociedades em que o amor do coração é esbanjado sobre os filhos que não são comprometidos pelo marido), e aquelas que são precocemente mergulhadas na corrupção (como em países escravocratas), e aquelas que são criadas filósofas e santas, e aquelas para quem a casa é um paraíso ensolarado cercado ao redor com amor e cuidado, e aquelas que são pequenos homens e mulheres do mundo desde o tempo em que elas podiam caminhar sozinhas. Todos esses tipos de crianças existem – respirações seguras da atmosfera moral dos seus lares. O viajante deve observá-las, falar com elas, e aprender de seu fardo em relação aos seus pais, e a curva de suas afeições, o que é o espírito das famílias da terra (Martineau, 2021, p. 185).

Atenta às considerações da própria Martineau, passarei agora à análise de sua autobiografia. De questões como a dinâmica familiar, o relacionamento com cada membro da família, o seu autorretrato na infância (como alguém doente, medrosa, carente, ciumenta), os conflitos e as disputas pessoais, até as primeiras experiências fora de casa e a influência de pessoas marcantes em sua vida como referências a serem seguidas. Além disso, o contato com os primeiros teóricos por meio de livros (caso de Locke, Hartley, Joseph Priestly, Dugald Stewart, Carpenter) chegando ao convívio propriamente dito com grandes intelectuais e pesquisadores na Europa à época (Malthus, Darwin, Jane Marcet, Charlotte Bronte, James Mill, entre outros), compõem a autobiografia escrita pela autora (Alcântara, 2021). Em decorrência, o seu texto fala de sua experiência sempre condicionada às relações sociais e aos territórios nos quais se encontrava, dando notícias substantivas acerca de diversas personagens que dividiam o cenário público com ela.

Os relatos sobre a sua família, o cotidiano de sua casa e as relações sociais são muito ricos e remetem às suas origens ancestrais como uma identidade

reconhecida (Alcântara, 2021; Navarro-Fossar, 2021; Martínez, 2025). Ela descendia de huguenotes, das famílias Martineau e Pierre, que foram para a Inglaterra após a revogação do Édito de Nantes, em 1688. O pai dela era o mais novo dos irmãos e não seguiu a tradição familiar de médicos, optando por ser um “*manufactor*” em Norwich. Ele se casou com Elizabeth Rankin, cuja família era de refinadores de açúcar em Newcastle upon Tyne. O casal Martineau teve 8 filhos, sendo Harriet a sexta (Martineau, 1877a). Fatos curiosos e marcantes em sua memória são trazidos à baila em suas reflexões autobiográficas. Sobre a infância, a autora relatou que sua ama de leite havia enganado sua mãe e que, em consequência, quase teria morrido de fome. Explicou que sua mãe atribuía a esse fato a sua falta de saúde e seu constante mal-estar (Martineau, 1877a, p. 08) e Harriet supostamente culpava a mãe por não ter percebido isso no momento certo (Arbuckle, s/d, cap. 01, p. 03). Essa relação com sua mãe sofre uma reviravolta à medida em que Harriet envelhece e elas passam a compartilhar momentos de cumplicidade. De novo, aparece em seu texto o argumento de que o desconhecimento é um grave problema que só pode ser resolvido com o acesso a informações adequadas e a providências necessárias, ao mesmo tempo em que problematiza a relação entre mães e filhos(as) ao longo do desenvolvimento de ambos(as). Os seus relatos destacam tanto as contingências quanto as mudanças, asseverando o papel das instituições como condicionantes do comportamento social e ressaltando as experiências das mulheres.

É cara essa reflexão de que as angústias e o sofrimento eram vividos em estado de solidão e que ela não informou a seus pais a respeito deste assunto, bem como é importante a consideração de que possivelmente a sua infância teria sido de outra natureza se essa comunicação fosse próxima. Martineau se referiu a isso como uma questão estrutural, ao explicar que “a alegre ternura” (que considerava ausente em sua criação) era tomada como algo ruim para as crianças na sociedade daquele período. Lógico que embora o diagnóstico fosse relativo a uma questão estrutural, as consequências eram sentidas individualmente: “Tudo isso é muito doloroso; mas eu realmente me lembro de poucas coisas que não fossem dolorosas naquela época da minha vida” (Martineau, 1877a, p. 17, *tradução minha*).

Outro exemplo listado pela autora conta sobre o período da primeira infância e sobre como as crianças de uma classe média eram cuidadas naquele momento histórico. Até 2 ou 3 anos de idade, Harriet foi criada por um casal, o que a teria influenciado enormemente durante a infância. Ela os descreveu como “metodistas ou calvinistas melancólicos de algum tipo” (Martineau, 1877a, p. 09, *tradução minha*) e profundamente religiosos. Com isso, indicou as influências sociais sofridas por crianças ao longo de sua formação e de seu ambiente como algo relevante para compreender o comportamento delas, distanciando-se por completo de uma visão essencialista da realidade. Assim, o fato de serem criadas longe dos pais desencadeava um estranhamento quando do retorno para a casa. Essa é não apenas uma percepção, mas um experimento social que entrou em desuso, no qual as crianças eram cuidadas por terceiros, sendo retiradas de suas casas e da convivência familiar para tanto. Em decorrência, a autora identificou padrões e fatores que entendia manterem uma relação de causalidade e explicar esses fenômenos. Ou seja, mesmo nesse período em que escrevia a autobiografia (já com 53 anos), manteve seu método de análise e o aplicou à reflexão sobre o transcorrer da própria vida. A marca do empirismo e da racionalidade como propulsores do conhecimento desenvolvido na relação com o mundo e do autoconhecimento (Hill, 2022). Mais do que isso, ela discutiu a infância, suas condições e suas consequências, não apenas na formação da personalidade, como no comportamento social e político, indicando claramente elementos do que hoje nomeamos como processos de socialização (Berger e Luckmann, 2010). Além disso, colocou as crianças como sujeitos e como objetos de estudo, indicando suas percepções, sentimentos, angústias, necessidades, desenvolvimentos e tratamentos recebidos em sociedades diversas, demonstrando as diferenças quanto a classes, etnias e suas respectivas “morais prevalecentes” (Martineau, 2021).

Logo no início da autobiografia percebemos que Martineau tentou sistematizar os fatos dos quais se lembrava e queria mencioná-los de modo racionalizado, apurando-os e questionando sua existência ou até mesmo o seu significado. Obviamente, como lembrou a própria autora, trata-se de um discurso escrito, com uma capacidade de escrita e de convencimento elevados, que lembra a

discussão de Calligaris (1998) sobre “verdade” e “sinceridade” em autobiografias. As suas lembranças estão relacionadas a emoções, a sensações e a afetos, mas praticamente todas remetem a alguma referência acerca de conhecimentos aprendidos sobre si mesma, os outros e o mundo. Esse *continuum* parece indicar um aperfeiçoamento moral e remete às condições sociais e estruturais para que isso acontecesse. Por isso, parece-me um relato rico para considerarmos dentro do escopo tanto de trabalhos de Sociologia da Educação quanto de uma Sociologia da Infância, não apenas por pautar o tema e abordá-lo, como também por se colocar enquanto objeto, desnaturalizar e desconstruir a sua própria trajetória.

De atos impensados, à babá que fala sobre como a mãe gosta dela por costurar suas meias enquanto todos dormem, a jornada para a casa dos avós em Newcastle e a surpresa com o relógio de sol no jardim, ou mesmo as mentiras do barbeiro sobre estrelas cadentes, Harriet seguiu descrevendo como o mundo ia se apresentando a ela ao longo da sua infância e em que medida isso foi se consolidando como conhecimento assentado a respeito de como a vida funcionava na relação entre indivíduos, natureza e sociedade. O comportamento introspectivo e ensimesmado pode ser observado em vários desses relatos, além do espanto ao se perceber ludibriada com histórias ou mitos sobre os quais não desconfiou que pudessem ser frágeis ou mesmo inverídicos (Martineau, 1877a, pp. 22-25). Ressalto aqui três passagens que exemplificam essas questões. Primeiro, sobre a sua iniciação à política e aos assuntos de relações exteriores, ela relatou o sofrimento dos pais com a morte de Nelson na vitória de Trafalgar, em 21/10/1805, e a apreensão deles quanto a uma possível invasão de Napoleão Bonaparte (1769-1821) em Norfolk. O ano de referência no cabeçalho é 1808 e a autora contava com 6 anos de idade. Segundo, ela citou dois casos vivenciados com “E.”, uma amiga que perdeu a perna em decorrência de uma doença. Martineau já havia escrito a respeito no livro *The Crofton boys*, afirmando ter ficado preocupada com os sentimentos de “E.” por causa de tal publicação. Terceiro, em 1811, Harriet foi para o campo cuidar de sua saúde e destacou que estava bastante infeliz, relatando os conflitos com a governanta. Sobre o período no campo, a autora explicou que suas

memórias foram relatadas em *Deerbrook* (Martineau, 1877a, pp. 18, 35-38), e que não era oportuno lembrá-las na autobiografia.

Juventude, injustiça e natureza

Os conflitos aparecem como algo crucial para o seu desenvolvimento pessoal: tatear o terreno; desenvolver a capacidade de fala e a coragem para o confronto; perceber a reação das pessoas envolvidas. Com isso, ela foi ganhando espaço e conhecendo um pouco mais sobre o funcionamento do ambiente e das próprias pessoas que supunha conhecer em pormenores. Na juventude, a relação conflituosa com a irmã Rachel e as suspeitas de favorecimento de sua mãe para com esta foram situações nas quais a autora se via oprimida. O caso aparentemente cessou quando Martineau conseguiu realizar uma afronta e dizer como se sentia, nomeando o ato como “surto”. Ao final, passado o drama momentâneo e a repressão sofrida pela mãe, ela conseguiu avançar e se sentir melhor com relação a essas circunstâncias e ao relacionamento familiar de um modo geral. Principalmente, por perceber que a verbalização e a clareza contribuíam para o avanço das partes envolvidas e do próprio assunto, promovendo um desenvolvimento pessoal, mas também coletivo, calcado no aprendizado constante. Martineau contrapôs a reserva e o silêncio à capacidade de verbalizar sua percepção de mundo e de se autoconhecer melhor, chegando à conclusão de que estes últimos promovem uma espécie de “cura”. Além disso, ela explicou que esse equilíbrio entre contestar ou resistir e seguir em paz era muito difícil de ser promovido, só conseguindo de fato alcançá-lo aos 40 anos (Martineau, 1877a, pp. 67 e 68).

Ao cabo, Martineau refletiu criticamente acerca de sua imaturidade, devaneios e sobre como o seu comportamento na infância havia sido “ruim”, justificando que o tipo de estrutura familiar, a relação dos seus pais com os(as) filhos(as) e destes entre si, prejudicava a existência de um comportamento mais saudável. A autora supôs que isso contribuiu para que a sua necessidade de aprovação, de afeto e a presença de ciúme extremo, fossem uma constante, culminando em “assumida obstinação e teimosia” na juventude ou por ser uma “criança intolerável” (Martineau, 1877a, pp. 15 e 16, *tradução minha*). É, portanto,

um relato cáustico, nada romantizado ou preocupado com uma imagem dócil ou adequada a padrões socialmente aceitáveis.

Por outro lado, resta a dúvida do que seria considerado injustiça para Martineau, termo ao qual se referiu com certa frequência, mas a autora literalmente mencionou na autobiografia a “justiça devida do mais forte para o mais fraco” e a “opressão que servos e crianças tinham (universalmente, como eu supunha) que suportar” ou, ainda, em “doutrina da obediência passiva” (Martineau, 1877a, pp. 16-17, *tradução minha*). O tema da justiça apareceu não apenas nessa obra, como em outras (Martineau, 2021, 2022, 2024, por exemplo), mas, provavelmente, as passagens citadas remetem às primeiras reflexões dela sobre a hierarquia e o autoritarismo, a falta de liberdade e de autonomia, contra as quais Martineau alegou sempre ter lutado, desde a mais tenra infância, por uma questão de justiça.

Ela também relatou a sua experiência com o que nomeou “questões sociais” e, novamente, “paixão por justiça” (Martineau, 1877a, pp. 17-18, *tradução minha*). Neste caso, Martineau destacou as imposições feitas aos serviçais e os insultos endereçados a eles, tendo as crianças da casa como mensageiras. A autora mostrou consciência com relação a quê e como os serviçais se vingavam. Portanto, a dinâmica da casa era importante e política sob a sua perspectiva, percebendo as nuances e as relações de poder ali envolvidas. Esse é um bom exemplo de como ela problematizou o ambiente doméstico e a instituição da família.

Além disso, ao longo de toda a sua vida, a relação com a natureza sempre apareceu em destaque (Martineau, 2022b, pp. 109, 111, 150, por exemplo, e Martineau, 2024). Ela advogava que o ser humano é capaz de induzir e de modificar processos da natureza, o que também foi descrito em *Household Education*, publicado em 1849. As caminhadas diárias pelos jardins, pelos parques e próximo a matas sempre foram uma referência constante em seus textos e uma prática que ela nutriu como espaço de saúde mental e física, mas também para a elaboração e o amadurecimento de ideias (Martineau, 1877a). A autora costumava afirmar que o hábito de caminhar era uma necessidade e um costume inglês (que não observou nos hábitos dos norte-americanos), que a ajudava a pensar e a estruturar os seus

textos (Martineau, 2024). Foi, ainda, a paixão pela natureza que a motivou a se mudar para a região dos lagos, após uma longa fase de enclausuramento por adoecimento (Martineau, 1877a). A paixão e a experiência com a natureza eram tamanhas que ela chegou a escrever ao menos dois guias a respeito do turismo em regiões de lagos, em 1854 e 1855.

Aos 13 anos, Martineau contou que a sua família foi informada sobre a Batalha de Waterloo, com a derrota definitiva de Napoleão Bonaparte, o que a remeteu a investigar junto a sua mãe que lembranças esta tinha da Revolução Francesa. Curiosa que era, descobriu que a mãe tinha “simpatia” com a família real e o pequeno “dauphin”. Relatou que no período de guerras as notícias precisavam ser lidas e contadas, para que as informações fossem socializadas, fazendo disso um motivo de interação com seu professor, mas também com os criados da casa, aos quais a autora alegava “explicar” o que estava acontecendo. Isso ilustrava o contato entre a casa dos proprietários e o lugar dos servos, representando os que possuíam uma informação considerada legítima e o acesso aos meios de obtê-la. Ela contou que se sentiu da mesma forma 40 anos depois, na guerra de 1854 (Martineau, 1877a, p. 60), ao se reunir com as pessoas da casa para comentar as notícias que chegavam. Compreender e acompanhar a guerra era uma questão política e vê-la no cotidiano das pessoas, era algo que impressionava Martineau, destacando as suas reações diante das notícias que materializavam os seus sentimentos de medo, de repulsa ou de satisfação. Se a guerra impressionava, mais ainda o suposto período de paz, já que os problemas internos começavam a aparecer de modo mais veemente, como os roubos, a violência, a pobreza e as notícias de possível revolução (Martineau, 1877a, p. 61). Mais tarde, isso lhe rendeu mais um livro e uma introdução posterior a ele: *The history of the thirty years' peace, A.D. 1816-1846* (1849) e *Introduction to the History of the Peace, from 1800 to 1815* (1851).

Martineau descreveu o seu desenvolvimento entre 1819 e 1832 (retorno e partida de Norwich) como um processo de encontro com a irmã mais velha (ambas amadureceram e passaram a se relacionar melhor após esta última se casar), com seu irmão mais velho (já estabelecido como cirurgião na cidade) e mesmo com sua

mãe (que teria passado a tratá-la com mais confiança e mais ternura “à medida que cada vez mais a minha mente se abria” e que o avanço da surdez a deixava mais debilitada) (Martineau, 1877a, p. 76, *tradução minha*). Ao mesmo tempo em que depois vivenciou as perdas: do irmão mais velho, do pai e do noivo (em decorrência de adoecimentos que os levaram a óbito); da irmã mais velha (pela desavença que teve a respeito da cura pelo mesmerismo); do irmão caçula (por conflitos que preferiu não explicitar). Some-se a isso o fato de que, com exceção deste último, os demais membros são mencionados por ela como grandes apoiadores do seu trabalho e da sua “independência de julgamento e de ação” (Martineau, 1877a, p. 77, *tradução minha*).

Religião, educação e cultivuação

Com relação à formação religiosa, não é relatada uma intolerância de seus pais unitaristas quanto a outras práticas e denominações religiosas, mas críticas (não julgamentos). Essas eram relativas ao comportamento produzido por um tipo de moral que fundamenta uma dada religião e que conforma uma dada visão de mundo. Em decorrência, Martineau começou a observar uma diversidade de posturas e de comportamentos que distinguiam o “nós” do como “eles” fazem ou pensam. Ela insistentemente questionou a função e o conforto que a religião lhe ofereceu na infância e os usos que fez dessa para se sentir bem e, de certo modo, segura. Porém, não manifestava qualquer ilusão a respeito, mesmo porque se referia a esses usos como muito convenientes (Martineau, 1877a). É provável também que o medo recorrentemente relatado pela autora estivesse relacionado à influência religiosa que sofreu, já que se autodescreveu como uma “criança notavelmente religiosa”. Ela também não deixou de se referir a ideias suicidas que teria tido ainda na infância, associando isso a algum tipo de injustiça ou vingança (Martineau, 1877a, pp. 13-14, *tradução minha*). Vale lembrar que o tópico “Suicídio”, abordado em sua obra “Como observar”, se encontra dentro do Capítulo “Religião”.

Em diversos momentos, ela se sentia culpada e com dificuldade em se manifestar perante os acontecimentos de toda ordem, o que a levava, de novo, a

um tipo de fuga com relação à religião. Existia uma tensão entre uma consciência ainda pouco desenvolvida e imatura, mas que já era capaz de captar essas sutilezas das relações sociais. Além disso, essa condição conflitava com a ausência de uma capacidade de fala, muito associada à existência de uma “imposição da obediência e do silêncio passivos”, gerando angústia, sofrimento e frustração. Esses sentimentos eram canalizados para atividades que não ajudavam a superar o problema. Entre os relatos, encontra-se a referência às “práticas dominicais”, que só cessou quando a surdez se agravou e comprometeu a sua capacidade de manter a atenção na fala. No mesmo período, Martineau alegava manter uma grande admiração por clérigos e ministros: “*Sua vida precoce e seus escritos refletem uma profunda lealdade à cosmologia unitária e à teologia cristã*” (Hill, 2022, p. 134, tradução minha). Posteriormente, afirmou ter percebido que tanto o julgamento moral quanto o intelectual desta categoria eram inferiores aos das demais (Martineau, 1877a, pp. 25-26).

De acordo com Hill (2022), essa trajetória intelectual que se iniciou com a “certeza teológica” (calcada na tentativa de conciliar religião e razão), avançou para as “ficções racionais”, passando pela metafísica e o empirismo, até chegar ao ateísmo e à filosofia positivista. Para cada período de sua vida, tanto personagens, quanto contextos e assuntos seguiam se apresentando e mostrando à autora uma perspectiva que se tornava contingencial com o passar do tempo, afastando-a de um viés dogmático e peremptório. Essa postura relativista e relacionista marcou o legado metodológico de Martineau (Alcântara, 2022). O fato é que se o tempo sempre foi um aliado neste processo de desenvolvimento e de amadurecimento, outras condições e oportunidades também contribuíram para isso.

Então, ela se considerava “desesperadamente metódica”, ao mesmo tempo em que confessou vários equívocos com os quais se envolveu e se dedicou em vida. Um dos usos que fez dessa habilidade metódica na juventude foi tentar sistematizar o antigo e o novo testamento separando vícios e virtudes, com a intenção de construir um sistema. Em outras palavras, ela tentou racionalizar a leitura do principal texto utilizado por sua religião, tanto para a classificação das morais (buscando identificá-las e compreendê-las), quanto para a conformação de

um sistema (que, em sua juventude, a autora imaginava existir) (Martineau, 1877a).

Ela defendia suas posições religiosas com convicção e, acima de tudo, com sistema. Sua insistência na razão, na clareza e na lógica surgiu cedo e influenciou na maior parte de sua obra, especialmente em suas análises sociológicas das instituições sociais e da prática política. (Hill, 2022, p. 135, tradução minha).

Era o que a autora acreditava naquela época, correspondendo ao seu horizonte de entendimento e aos conhecimentos adquiridos. Quando escreveu a sua autobiografia, mesmo tendo uma postura completamente diferente com relação aos mesmos temas, ela não se eximiu de mencioná-los abertamente. O que mostra como Martineau manteve uma tranquilidade com relação a essas mudanças e a essas fases, reconhecendo-as como algo circunstancial e processual, não essencialista ou incrustado em sua própria personalidade ou caráter. Martineau não se mostrava envergonhada ou constrangida ao admitir em diversas passagens que desistiu a respeito de algo sobre o qual se empenhou, mas não logrou êxito. Fazia parte dessa visão processual da vida considerar que nada estava dado ou constituído desde sempre. Tudo era socialmente condicionado e o produto disso não poderia ser considerado de modo diverso.

Ainda sobre essa perspectiva racionalista e sua relação com a religião, a autora fez duras críticas ao fato de os unitaristas se considerarem “cristãos” (e no caso de sua família em particular). Em consequência, ela alegava que a dissidência “degenerou” no unitarismo. Para o quê exemplificou com a sua própria trajetória familiar, já que seus ancestrais huguenotes expatriados e fugidos da Normandia, eram calvinistas que foram seguidos pelo que ela denominou de “pseudo-cristianismo do arianismo primeiro” e depois para o unitarismo (Martineau, 1877a, p. 27, *tradução minha*). Nesse momento histórico, o termo cristão se confundia com o próprio catolicismo, talvez por isso, a implicância da autora com o seu uso: “O unitarismo dos meus parentes me salvou disso” (Martineau, 1877a, p. 30, *tradução minha*). Martineau se referia ao fato de que considerava o pecado e a misericórdia enquanto tormentos para os católicos, todavia, isso não se aplicava aos unitaristas.

Percebia, portanto, a religião como um elemento que expressava as “morais prevaletentes” e resultava de diversos fatores que contribuía desde a sua criação à adaptação a povos e a ambientes diversos (Martineau, 2021). Apesar de tudo, a autora apontava a religião como tendo sido o seu “melhor recurso”, mesmo não possuindo mais qualquer ligação com o unitarismo ou qualquer religião. É intrigante o fato de que a prática religiosa a levou, em um primeiro momento, a investir no raciocínio lógico, na curiosidade e no hábito do questionamento, que ela alegava não ter desenvolvido nem ter noção da necessidade até os 8 anos de idade. Martineau citou como exemplo uma conversa que teve com Thomas, o seu irmão mais velho, quando ela tinha 11 anos e na qual ele afirmou que as dúvidas dela não seriam respondidas tão cedo, mas ela acreditava ter direito a saber o fundamento e o funcionamento de fenômenos e de crenças (Martineau, 1877a, p. 33). Isso fica bastante claro na leitura de seus textos, considerando a sua trajetória intelectual em termos cronológicos (Hill, 2022; Navarro-Fossar, 2021).

Ela entendia que somente aos poucos foi desenvolvendo um maior controle moral e espiritual. Isso dependeu diretamente do acaso e das circunstâncias que a sua família estava vivenciando, mas também das oportunidades que sortiam de acontecer. Ao refletir sobre si, seus pensamentos, seus comportamentos e seu lugar no mundo, Martineau se expôs, reconheceu erros, medos, pensamentos egoísticos e imaturidade de toda sorte. Ela foi duramente julgada por isso, ao ter se descrito como uma figura humana, suscetível de vícios e de virtudes, que podem ser estimulados ou cultivados. Não por acaso Miller (1887) recortou os relatos dela e escolheu aqueles que considerava mais dignos para uma pessoa em tal posição. Miller (1887) a recolocou em um lugar de destaque quase natural, afastando os processos sociais que a produziram enquanto pessoa e profissional, em um fio que foi se desenrolando aos poucos. Entretanto, o foco da autora sempre esteve centrado na capacidade de aprendizado, de desenvolvimento e de cultura de determinadas práticas que facilitassem o acesso ao conhecimento. Sobre as suas características mentais, Martineau destacou que o medo excessivo e o desânimo (Martineau, 1877a, pp. 40 a 43), que experienciou na infância, contrastavam sobremaneira com as suas características ousadas, aventureiras e curiosas da

juventude em diante. Em diversos momentos, ela descreveu situações correlatas, como as descritas em Martineau (2022; 2024).

De igual modo, quanto à religião, já que a autora a apresentou como uma fonte de prazer e de felicidade na sua infância. Miller (1887) atribuiu tal fato não tanto às características da própria Martineau, mas ao perfil da religião unitarista, professada por sua família (Martínez, 2025). No período em que Harriet permaneceu no internato em Bristol (quando tinha entre 16 e 17 anos), ela sofreu influência do reverendo Carpenter, que era conhecido como um grande pregador unitarista e ao qual ela atribuiu a sua fase altamente “supersticiosa” e religiosa na juventude. Essa crítica é uma das muitas que estão relatadas na autobiografia e que trouxeram consigo todo o furor que se havia de imaginar. A autora, que foi uma pessoa completamente seduzida pela condução religiosa de Carpenter, chegou a descrevê-lo na maturidade como reduzido a esta qualidade de manuseio pastoral (Martineau, 1877a, p. 73).

Martineau revelou um sentimento de frustração com a própria vida e via em cada viagem ou novo evento sempre uma oportunidade de zerar o jogo. Por exemplo, com o nascimento da irmã caçula, ela enxergou a possibilidade de conhecer melhor o desenvolvimento humano. Tal postura difere da perspectiva maternal centrada apenas no cuidado e no afeto. Os seus relatos demonstram uma curiosidade extrema e o interesse na observação como instrumento capaz de trazer esclarecimento para as suas necessidades. Além disso, pareceu sugerir que houve uma alteração na rotina e na dinâmica do cuidado familiar, já que sua irmã caçula provavelmente estava em casa, podendo, assim, ser observada e acompanhada a cada momento por seus familiares. Relatou, por exemplo, que acompanhou quando a bebê foi vacinada ou adoecia e que ficou impressionada acerca de como espontaneamente ou com pouco estímulo ela aprendeu a falar (Martineau, 1877a, p. 40).

A combinação entre experiência e conhecimento ocorreu também com relação à morte e ao globo terrestre, ao mar e à observação de cometas, e, assim por diante (Martineau, 1877a, pp. 44-45). Tudo isso indica uma tentativa de compreender o mundo desde muito nova, buscando observá-lo e tendo consciência do conhecimento que este ato atento é capaz de promover a respeito de qualquer

coisa. De uma infância curiosa (cujos únicos objetos confrontados eram questões religiosas e debates filosóficos que atravessavam sua admiração por teólogos dissidentes), à vida adulta (com o reconhecimento da imaturidade para compreender o erro de críticas que fez em dados momentos ou posturas com relação a pessoas e a obras) a autora refletiu sobre como a sua existência social foi condicionada social, política, econômica, religiosa e geograficamente. É sobre a infância que a própria Martineau se descreveu como sendo considerada uma “fanática” religiosa, cujo auge teria ocorrido na juventude (dos 15 aos 18 anos). Em razão disso, ela foi muito criticada pela própria família, que chegava a fazer brincadeiras a esse respeito. Nesse período, a autora se dedicou a estudos sobre os escritos bíblicos e seus comentadores (Martineau, 1877a, pp. 63, 73, 74 e 79), chegando à vida adulta como uma cética, racionalista e de “pensamento livre” (Martineau, 1877a, p. 120).

Os relatos apontam que a mãe de Harriet teria identificado a necessidade de que ela fosse para um internato. Curiosamente, a autora afirmava que os unitaristas eram completamente contrários a isso. Martineau seguiu para o internato dirigido pela tia Kentish (com quem afirmou manter uma excelente relação), o “tio falido” (irmão de sua mãe) e as primas. Neste período, ela relatou ter experimentado um salto em seu desenvolvimento pessoal e em sua compreensão de mundo. Durante 15 meses, ela pôde ter a experiência de se distanciar da família, ter contato com outro tipo de convivência diária, ser estimulada e acolhida em suas demandas afetivas, mas também com pessoas que a estimularam a adquirir conhecimentos novos e a ir além do que já havia alcançado: “Minha mãe fez muito bem ao me enviar para estar entre pessoas tão superiores a mim, que me trouxeram melhoria moral e intelectual, embora o experimento tenha falhado em relação à saúde” (Martineau, 1877a, p. 69, *tradução minha*). Foi nesse período que Martineau sentiu o agravamento da surdez e, em razão disso, acreditou que alcançaria algum resultado mais satisfatório voltando a estudar em casa (Martineau, 1877a, p. 71).

O seu desconhecimento do propósito da viagem e o agravamento da surdez ao longo da estadia não impediram que Harriet reconhecesse o quanto estava

defasada em relação ao conhecimento esbanjado pelas primas. Certamente, a oportunidade de conviver em outro ambiente familiar e de conhecer uma instituição de ensino mais ampla fez com que ela questionasse suas certezas e se deparasse com perspectivas diferentes das suas: “Eu tinha aprendido bastante e estava começando a encontrar uma boa maneira de aprender mais” (Martineau, 1877a, p. 74, *tradução minha*).

Gestão doméstica, autonomia e limitações

Outra lembrança que Martineau destacou foi quando sentiu “o despertar do amor pelo dinheiro” (Martineau, 1877a, p. 19, *tradução minha*), que nada mais era do que um amor pela independência e pelo controle de sua manutenção. Citando o caso de sua família, a autora mostrou que cada membro dela progressivamente caminhava para a gerência de um valor monetário mais elevado, que era associado a assumir maiores responsabilidades. Alguns exemplos citados por Martineau confirmavam essa percepção, mostrando como meninas e meninos eram estimulados a controlar suas receitas e seus gastos, de acordo com necessidades particulares a cada fase da vida.

De um modo similar, as habilidades manuais eram desenvolvidas e estimuladas no âmbito familiar. No caso das mulheres (brancas e de classe média), em particular, essas ocupações envolviam a costura e o bordado, entre outras. Esses hábitos não eram considerados produtivos, mas eram associados à capacidade de independência e de fabricação de produtos para o autoconsumo. No entanto, esses eram tão arraigados que se apresentavam em diversos momentos como inerentes à reprodução da vida cotidiana. Mesmo estando em viagem de barco, na região dos lagos, no norte dos Estados Unidos, Martineau citou o trabalho com as agulhas e as canetas em uma mesma frase, como se fossem intermitentes. Referência que também apareceu na autobiografia ao falar desde o seu período de formação até o final da vida (Martineau, 2024; 1877a, pp. 53 e 78). Na verdade, as agulhas compunham apenas uma parte disso que a autora chamou de “assuntos de gestão doméstica”, englobando também a produção de alimentos, os cuidados com as roupas e a organização da casa. Porém, a sua preocupação estava muito além disso, ao pensar a casa como uma unidade produtiva que precisava de uma gestão

coerente e qualificada para que tudo funcionasse a contento, incluindo as atividades de prestação de serviço ou produtivas que dependem do que é disposto em casa. Isso fica muito claro em seu texto quando mostra que a sua mãe era uma grande gestora dessas atividades que eram(são) consideradas menores, mas fundamentais para o bom funcionamento da vida dos membros de uma família. Elizabeth Ranke (1772-1848), recebia “um cheque”, ou seja, um orçamento, para cobrir os gastos domésticos da melhor forma possível (Martineau, 1877a, p. 64) e atender às demandas da família (Arbuckle, s/d, cap. 01, p. 02).

Mais tarde, Martineau aceitou escrever a respeito com o intuito de qualificar trabalhadoras, por meio de manuais de serviço doméstico. Esse tema não foi ignorado pela autora, por ser central para uma vida produtiva que estabelecesse um ambiente funcional para os membros de uma unidade familiar. Nesse caso específico, a autora conseguiu reunir algumas de suas preocupações mais constantes: a qualificação de mulheres para o trabalho; a organização racional e otimizada da casa como unidade produtiva e em benefício de todos os seus membros; o combate à pobreza com treinamento para o trabalho e para a autossuficiência em condições adequadas de vida; a percepção de que existiam alternativas de trabalho livre e remunerado para as mulheres, que precisavam ser consideradas viáveis e possíveis.

Inobstante, entre os relatos autobiográficos, encontra-se a relação da autonomia e da independência frente às manifestações de deficiência física. Ela percebeu a sua dificuldade de audição quando estava na “escola do Sr. Perry” e falou a respeito na história de Hugh Procter e no ensaio dela sobre Scott (Miller, 1887), mas também em sua autobiografia. Martineau problematizou o adoecimento e o quanto esse era ignorado como um elemento de diferenciação e de disparidade entre as pessoas, principalmente, na infância. A autora discutiu a dificuldade de se ter consciência das limitações enfrentadas por causa disso, o que lhe rendeu uma reflexão importante sobre outro desmembramento: como a sociedade se relacionava com as diversas manifestações de adoecimento, os(as) doentes e seu papel social, bem como as expectativas e os recursos dispendidos com eles(as). A sua perda de audição foi lenta e gradual, o que a levou a refletir sobre tipos de surdez e tipos de

surdos. Sempre atenta às histórias e às formas de aconselhamentos, ela narrou um momento constrangedor pelo qual seu irmão mais velho teria passado ao ver uma senhora surda ser tratada de modo desrespeitoso e impaciente, ao insistir que um dos presentes ao evento lhe mantivesse informada sobre o que era dito. Martineau, então, chegou à conclusão de que jamais deveria perguntar o que foi dito e sempre contar com a boa vontade dos presentes para lhe informar o que considerassem importante ou necessário (Martineau, 1877a, p. 56). Ela havia compreendido que pouco ou nada poderia ser feito para além disso naquele momento. Em decorrência, a autora diferenciou a “privação” sofrida por quem possui algum tipo de deficiência e pela qual as pessoas se compadecem, da fadiga gerada pela “obstrução”, quando se possui mais de uma deficiência, como ela que dizia ter três de cinco (audição, olfato e paladar) (Martineau, 1877a, p. 57). A esse respeito, Martineau também discorreu em *Letter to the deaf*, em 1834, cujo texto, por vezes, é interpretado como inadequado ou limitador.

O sofrimento e as dificuldades relatados pela autora não se referiam apenas ao agravamento desta limitação, mas também a um tipo de estrutura familiar em que sentimentos deveriam ser contidos, o que lhe causava ainda mais problemas do que os que já suportava. Supostamente, sua mãe não estimulava o reconhecimento de limitações, o que teria dificultado o comportamento das pessoas para com Martineau e oportunizado uma má interpretação, por não perceberem que ela não os escutava. Até uma certa data, a autora evitava a confraternização social em razão das dificuldades decorrentes da surdez. Com isso, atributos pejorativos passaram a ser indicados como qualificações de caráter, ao invés de se reconhecer a situação em si: “falso orgulho, fingimento e extorsões egoístas” (Miller, 1887, *tradução minha*). Em muitas passagens de seus textos, Martineau se referiu a si mesma na infância e na juventude como tendo um terrível temperamento que era, possivelmente, decorrente dos diversos adoecimentos e das dificuldades que enfrentava (Martineau, 1877a, p. 64).

Martineau entendia que as famílias tinham dificuldades para encarar doenças, deficiências e as suas manifestações, adotando uma postura que traria algum alívio para esta “fraqueza e desconforto”, que era a da negação da verdade,

ao mesmo tempo em que sobrecarregavam “o sofredor”. Um dos exemplos citados por ela é que, primeiro, entendia ter sido culpada pela família por não ouvir o que era dito, depois, por não lhes dizer que não ouvia. A autora demonstrou como a família precisa ter consciência e compreender o problema de saúde que acomete um dos seus membros para ter condições de oferecer auxílio ou, pelo menos, não agravar ainda mais a situação.

Além do problema em si, o preconceito e o assédio que eram cometidos contra pessoas com algum tipo de deficiência sempre chamaram a sua atenção. A tal ponto que, ao se perceber surda e evoluindo progressivamente para uma piora do quadro, ela se lembrou do caso que contei anteriormente e de uma prima que vivia na zona rural da qual as pessoas fugiam por terem que falar alto o suficiente para que ela compreendesse do que se tratava. Martineau, então, se perguntava: Serei uma dessas pessoas das quais as demais fogem? Serei temida e detestada? Apesar disso, o uso da trombeta começou apenas na fase adulta, o que a autora avaliou como um erro de sua parte. Em 1820, ela já poderia ter feito uso do instrumento, que só chegou a adotar 10 anos depois, após um tratamento que resultou em uma melhora temporária de sua audição (Martineau, 1877a, pp. 58-59; 95). Momento no qual Martineau percebeu o quanto seus(as) amigos(as) precisavam se esforçar para que ela os ouvisse. Destaco que essa análise social acerca de como as doenças, os doentes e os processos de adoecimento são elaborados, tratados e interpretados é hoje objeto de uma sociologia da saúde, para a qual a autora contribuiu de modo direto em alguns textos.

Considerações finais

Este artigo resgata a autobiografia como uma história de vida ilustrativa da imagem que Martineau cultivava de si e dos elementos que documentou e destacou para que ficassem registrados para a posteridade. Tudo isso, em alguma medida, mostra como a autora refletiu criticamente sobre si mesma como um ser social, que foi sendo moldado conforme os períodos da vida, as condições econômicas e culturais, além, é claro, das condições de gênero. Isso torna o seu relato autobiográfico um elemento rico, não apenas quanto a datas e a fatos, que podem ser refutados face a

fontes documentais ou contrapostos a outros relatos, mas quanto a percepções e à análise crítica desse sujeito no mundo, que se coloca enquanto objeto de reflexão.

A autobiografia de Martineau retrata bem a noção do gênero como uma forma de autoconhecimento e de modificação do indivíduo e de sua vida, considerando as contingências e a pluralidade de formas assumidas em uma mesma sociedade e historicamente condicionadas. Assim, retrata o desenvolvimento institucional em razão do tempo, suas percepções a respeito e os impactos percebidos em sua própria vida com relação a isso. Concomitantemente, fornece a leitores(as) um conjunto de exemplos a respeito do cotidiano de uma família industrial unitarista de classe média, que nos auxilia na compreensão acerca de sua formação, características e influências no período da infância e da juventude. Por fim, elege algumas questões como centrais em sua narrativa, sobre as quais problematiza ao longo de outras obras, como a desigualdade de gênero, o autoritarismo, a educação, as hierarquias, a democracia, as injustiças, a religião e a vida em sociedade de pessoas que possuem algum tipo de deficiência.

Referências

ALCÂNTARA, Fernanda H. C. **A Sociologia de Harriet Martineau e a tradução de sua obra para a Língua Portuguesa no Brasil**. 2024a. Tese (para promoção a docente titular) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, UFJF-GV, Governador Valadares, 2024.

ALCÂNTARA, Fernanda H. C. Harriet Martineau (1802-1876): a analista social que inaugurou a Sociologia. **Revista Estudos Ibero-americanos**, v. 47, n. 03, 2021.

ALCÂNTARA, Fernanda H. C. Contribuições de Comte e Martineau para a fundação da Sociologia. **Tensões Mundiais**, vol. 20, n. 44, 2024b.

ALCÂNTARA, Fernanda H. C. O nascimento da observação social sistemática. **Teoria & Cultura**, v. 17, n. 01, 2022.

ARBUCKLE, Elisabeth Sanders. **A nineteenth-century woman's engaging with her times**. Martineau Society, s/d.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis, Editora Vozes, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão da biografia. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, n. 19, 1997.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, n. 21, 1998.

HILL, Michael R. Empirismo y razón en la sociología de Harriet Martineau. *Juiz de Fora*: **CSONline**, n. 36, 2022.

MARTINEAU, Harriet. **Como observar: morais e costumes**. Governador Valadares: Editora Fernanda H. C. Alcântara, 2021.

MARTINEAU, Harriet. **Harriet Martineau's autobiography**. Ed. Maria Weston Chapman. Boston: James R. Osgood & Co., 1877a. 2 vols. Vol. 1.

MARTINEAU, Harriet. **Harriet Martineau's autobiography**. Ed. Maria Weston Chapman. Boston: James R. Osgood & Co., 1877b. 2 vols. Vol. 2.

MARTINEAU, Harriet. **Sociedade na América**. Vol. I – Política. Governador Valadares: Editora Fernanda H. C. Alcântara, 2022b.

MARTINEAU, Harriet. **Sociedade na América**. Vol. II – Economia. Governador Valadares: Editora Fernanda H. C. Alcântara, 2024.

MARTÍNEZ, Capitolina Díaz. La sociología tiene una madre: Harriet Martineau. **Sistema**, 272, 2025.

MILLER, Fenwick. **Harriet Martineau**. Boston: Roberts Brothers, 1887.

NAVARRO-FOSAR, María-Rocío. Harriet Martineau y *Household Education* (1849). **Atlánticas**, 6, 1, 2021.

Como referenciar este artigo

ALCÂNTARA, Fernanda Henrique Cupertino. Infância e juventude de uma intelectual: Harriet Martineau e a sociedade britânica do século XIX. **Latitude**, Maceió, v.19, p. 01-25, 2025. Disponível em: URL do artigo. Acesso em: dia mês abreviado ano.